

O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM OLHAR SOBRE A ESCOLA PROFISSIONAL DO ESTADO DO CEARÁ

ADNA MELO BARBOSA

ALLES LOPES DE AQUINO

Universidade Federal do Ceará – UFC

Introdução

As reformas anunciadas nos anos de 1990 no Brasil e advindas de um período de discussão que englobou toda a América latina foi um marco para que a educação brasileira tomasse novos rumos. Nesse momento de reformas nas políticas educacionais, vai ser notória a grande participação de organismos multilaterais na promulgação de políticas públicas, aparecendo principalmente como elemento de financiamento da educação. Dentro dessa lógica de reforma da educação e trazendo à discurso o papel do estado, foi realizado um diagnóstico sobre os sistemas educativos com base e enfoque no tema da produtividade e da necessidade de gerar reformas educativas que favorecesse a inserção dos países na lógica da competitividade, Gentili apud Vera Candau (1999) explicou que:

Deste diagnóstico inicial decorre um argumento central na retórica construída pelas tecnocracias neoliberais: atualmente, inclusive nos países mais pobres, não faltam escolas melhores; faltam escolas melhores; não faltam professores, faltam professores melhores; não faltam recursos para financiar as políticas educacionais, ao contrário falta uma melhor distribuição dos recursos existentes. Sendo assim, transformar a escola supõe um enorme desafio gerencial: promover uma mudança substantiva nas práticas pedagógicas, tornando-as mais eficientes; reestruturar o sistema para flexibilizar a oferta educacional; promover uma mudança cultural, não menos profunda, nas estratégias de gestão (agora guiadas pelos novos conceitos de qualidade to-

tal); reformular o papel dos professores, requalificando-os; implementar uma ampla reforma curricular etc. (GENTILI apud VERA, 1999, p.33)

Dentre tantos termos citados por Gentili que são necessários para uma reforma educacional, destacam-se em sua colocação os termos desafio gerencial e qualidade total, temas que serão tratados logo adiante. Corroborando com a ideia de reforma em função da qualidade total nas escolas, foi lançado nos anos de 1990 um documento econômico pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe – Cepal, intitulado Transformacion Productiva com Equidad, que visava mudanças educacionais pela reestruturação produtiva. Segundo SHIROMA (2000) “a estratégia da CEPAL se articulava em torno de objetivos (cidadania e competitividade), critérios inspiradores de políticas (equidade e eficiência) e diretrizes de reforma educacional (integração nacional e descentralização)”. As reformas seriam necessárias nas escolas para que os alunos desenvolvessem o que ficou conhecido como os códigos da modernidade. Para a CEPAL os códigos da modernidade seria um conjunto de conhecimentos necessários para participar da vida pública e desenvolver-se produtivamente na sociedade moderna.

Em reflexo ao que já foi visto e sendo o objeto de discussão desse estudo, é implantado em 2008 no estado do Ceará, o Ensino Profissional Integrado ao Médio, um sistema de ensino que visa a qualidade total através de um sistema gerencial de ensino.

A adoção desse sistema foi uma medida do estado na educação frente aos péssimos índices educacionais apresentado pelas escolas brasileiras. Sendo assim a escola passa a ser gerenciada por um modelo de educação regido pela Tecnologia Empresarial Sócio Educacional – TESE e o ensino médio passa a ser oferecido junto com uma formação técnica visando a inserção do aluno no mercado de trabalho que forma produtiva.

Como já citado, a fundamentação teórica para esse novo modelo de gestão é a TESE,, em seu manual operacional ela afirma

que os problemas que surgem no ambiente escolar são originados do mau gerenciamento e planejamento da escola. Em seu texto ela afirma que:

A gestão de uma escola em pouco difere da gestão de uma empresa. Na realidade, em muitos aspectos, a gestão de uma escola apresenta nuances de complexidade que não se encontram em muitas empresas. Assim sendo, nada mais lógico do que partir da experiência gerencial empresarial acumulada para desenvolver ferramentas de gestão escolar (TESE, 2004 p.3).

Com essa afirmação vemos que o projeto defendido estreita relações entre o gerenciamento de uma empresa e o de uma escola. Retomando o que foi abordado inicialmente nesse estudo por Gentili, os conceitos de gerenciamento e qualidade total estão intimamente ligados ao discurso da TESE. Tem-se a seguir um fragmento de introdução aos princípios fundamentais da educação retirado do manual operacional da TESE:

A educação de qualidade deve ser o negócio da escola - o que ocupa a mente de cada um dos seus integrantes, de acordo com suas áreas específicas; deve gerar resultados – satisfação da comunidade pelo desempenho dos educandos, educadores e gestores. Todos estão a serviço da comunidade e dos investidores sociais e devem se sentir realizados pelo que fazem e pelos resultados que obtêm (TESE, 2004, p. 08).

Além do que já citado, a TESE propõe o método PDCA (Plan, Do, Check, Act) aos professores como uma maneira de realizar o trabalho docente. Esse método advindo da administração de empresa pressupõe que primeira se planeja, depois se executa, então se avalia a execução e havendo erros entra-se com uma ação corretiva. Cada ação dessa é voltada para o estabelecimento de objetivos e metas que no momento da execução são denominadas “educar em serviço”. Posterior á execução se geram relatórios com o que foi

alcançado e aqueles índices que não satisfizeram a gestão deverão ser analisados e uma ação corretiva é desenvolvida para que as atividades relacionadas aos baixos índices sejam melhoradas.

Diante desse modelo de gestão em que se propõe mudanças significativas no contexto escolar, questiona-se onde está o papel do professor diante dessas mudanças e como ele reage a essa visão empresarial-educacional. A hipótese levantada é a de que o professor deverá focar em resultados assim como um gestor de uma empresa foca no lucro.

Para esse estudo teve-se como referencial teórico os autores SHIROMA (2000), MARTINS (1994), CANDAU (1999) e BARROS (2008) dialogando entre si política educacional e formação de professores. Além da leitura dos teóricos citados, direcionou-se um olhar para o Manual Operacional do modelo de gestão – Tecnologia Empresarial Sócio Educacional (TESE).

A partir de leitura iniciais sobre o assunto, surgiu o interesse em investigar um pouco mais questões relacionadas a formação do professor e a escola profissionalizante, então escolheu-se uma escola profissionalizante do estado situada na região metropolitana e desenvolveu-se a pesquisa que será apresentada logo adiante. Com a finalidade de manter o sigilo dos participantes da pesquisa, optou-se por chamar a escola pesquisada por EEEP “A”, sendo chamada assim de agora em diante. O objetivo geral desse estudo é perceber a relação existente entre a formação do professor e o ensino profissionalizante na formação do aluno. Para os objetivos específicos tem-se identificar as dentro de uma perspectiva de interferência percepções que os professores tem do ensino profissionalizante, verificar de que forma o professor é formado para lecionar em uma escola profissionalizante e identificar quais interferências essa formação tem sobre o aluno dessa escola.

Material e Métodos

Essa pesquisa é de cunho qualitativo e tem como público alvo os professores de formação geral e específica da EEEP “A”. Como técnica de pesquisa utilizou-se da aplicação de questionários. O questionário foi aplicado em oito professores da escola em questão.

A partir do questionário composto de 8 questões subjetivas, procurou-se obter informações que pudessem atender aos objetivos específicos da pesquisa, dessa forma foi perguntada aos professores a concepção deles de ensino profissional e da TESE, de que forma eles capacitados para trabalhar esse modelo de gestão, quais as recomendações que eles recebem para ensinar nesse modelo de gestão, qual a diferença, na concepção deles, entre um professor/aluno de uma escola tradicional e uma EEEP e ainda de que forma (por que e para que) os alunos são formados em uma EEEP. A análise dos dados coletados foi feita de maneira reflexiva e contrapondo com as leituras anteriormente realizadas.

Análise e Discussão dos Dado

Procurando compreender a visão que os professores tinham sobre o ensino profissional ofertado pelo estado, perguntou-se a eles o que era o ensino profissional. As respostas que mais apareceram foram aquelas em que definiam o ensino profissional como sendo uma modalidade de ensino onde o estudante recebe formação na base comum (ensino médio regular) e formação em uma área técnica, onde o ensino é integral e alterna entre médio e técnico. Além dessa resposta, que foi a mais comum, teve-se ainda respostas em que definia o ensino profissional como aquele que capacita o aluno para uma determinada profissão, para o mercado de trabalho.

A partir das definições que foram dadas pôde-se perceber que os professores aderiram a formação empresarial que tanto o

modelo prega. Não somente na defesa do ensino técnico como também na formação do aluno para o mercado de trabalho, eles veem o ensino profissional como um meio de incluir o aluno no mercado de trabalho e uma forma de garantir um emprego de qualidade.

Em seguida perguntou-se o que é a Tecnologia Empresarial Sócio-Educacional – TESE. Essa pergunta objetivava perceber nos professores como eles percebiam esse modelo educacional. Algumas das respostas estão listadas a seguir:

- Resposta 1: “É a tecnologia que alia a experiência dos empresários voltadas para a educação”
- Resposta 2: “Uma espécie de regimento que mantém as escolas profissionais”
- Resposta 3: “Ela aplica princípios empresariais, que faz o aluno e funcionário de um modo geral, agir como um ser proativo e protagonista de sua vida aplicando assim a responsabilidade, o protagonismo juvenil entre outros”
- Resposta 4: “São diretrizes que norteiam a conduta dos discentes e docentes da escola profissional”

Com essa respostas identificamos que os professores possuem um certo respeito pela tecnologia, as respostas sempre atribuíam á tecnologia um modelo de responsabilidade em que o aluno seria formado com qualidade e êxito. Em nenhuma das respostas observou-se crítica ou sugestão ao modelo empresarial que a TESE defende.

Debatendo sobre os que os professore colocaram em suas respostas, apresenta-se a visão de Souza(2001) que citando Amaral (1996) diz que:

(...) como forma de transposição da visão empresarial para as escolas, camufla as verdadeiras causas do “mal-estar” da educação, reforça a velha dualidade estrutural do sistema educacional brasileiro efetivando a desobrigação do poder

público para com a educação; representa a teoria tecnicista da década de 1970 revisitada, levando a uma profunda mudança nos conceitos de “trabalho”, “educação”, “conhecimento”, “professor”, “aluno” etc; (...). (Amaral, 1996, p. 232 apud Souza, 2001, p.45)

Dando continuidade á pesquisa, procuramos entender de que forma os professores são capacitados para trabalhar esse modelo de gestão que é a TESE. As respostas nos informaram que esse processo acontece a partir de planejamentos, reuniões, cursos de formação continuada e material pedagógico. Outros responderam que a própria leitura do material serve como uma capacitação de docentes. Querendo aprofundar o assunto, perguntamos quais as recomendações que os professores recebem para ensinarem seus alunos, ou seja, como esse professor deve ser. Com as respostas foi possível perceber que os professores são aconselhados a abordar conteúdos próximos da área técnica. Segundo seus relatos, eles enquanto professores precisam ser dinâmicos, motivadores, comprometidos, éticos e devem correlacionar suas aulas as disciplinas técnicas, sem porem interligar totalmente ao técnico, pois os alunos devem ser capazes de realizar exames de aceitação em faculdades. Foi dito ainda que o professor deve ser capaz de aplicar a TESE no cotidiano do aluno, deve ser também responsável e está sempre em formação continuada. O que foi relatado pelos professores não nega o que a TESE aborda. Ao se referir ao papel do professor ela explica que ele deve está apto a usar as novas tecnologias tendo em vista a “(...) complexidade do seu papel e da velocidade com que as inovações acontecem, os professores necessitam familiarizar-se com os avanços da tecnologia da informação e comunicação, aprender o que ensinar e como ensinar.” (2004, p.22).

Tentando perceber a influência que o professor tem no aluno de uma EEEP perguntamos, na concepção deles, qual a diferença entre um aluno de uma escola regular e um aluno de uma EEEP. As respostas foram variadas, mais em geral verificou-se a importân-

cia que os professores dão ao ensino profissional. Vejamos algumas das respostas encontradas:

- Resposta 1: “O aluno da escola tradicional estuda para a vida acadêmica, enquanto o aluno da EEP se prepara para a vida acadêmica e para o mercado do trabalho.”
- Resposta 2: “O aluno da escola regular é cobrado pelos resultados, mas alguns não se sentem responsáveis. Na EEEP o aluno tem que mostrar resultado, pois na visão de alguns, como ele passa o dia na escola, ele tem que estudar mais.”
- Resposta 3: “O turno integral dos educandos do ensino profissional facilita sua adaptação a um futuro mais ativo, seja trabalhando em um empreendimento ou em atividades universitárias. Além da preparação física, seu contato estendido com o ensino permite maior assimilação dos conteúdos e tempo para tirar dúvidas.”
- Resposta 4: “Começa no ingresso destes alunos nas escolas, pois os mesmos passam por uma seleção, fazendo com que teoricamente apenas bons alunos sejam matriculados. Além do que são aqueles que realmente buscam algo na vida.”

Essas respostas sintetizam o que, em geral, foi colocado por todos os professores. Eles, em sua maioria consideram que uma EEEP forma um aluno de forma mais completa, não só na vida acadêmica como também para o mercado de trabalho.

Ensinam ao aluno a se adaptar ao mercado produtivo, no entanto em nenhum momento foi citado a participação do aluno como questionador e coautor do conhecimento e sim como uma espécie de cliente da educação. Souza (2001) ao se referir a relação do aluno e a Gestão da Qualidade total, mostra que:

Para a GQT na educação, os clientes são o aluno e a comunidade/sociedade. Cliente é, portanto quem recebe ou com-

pra e utiliza o produto. Essa posição do aluno como cliente leva ao questionamento sobre a possibilidade de uma relação passiva dele com o processo e o produto, inclusive no que diz respeito à sua participação no processo de construção do produto, que, no caso, é o saber transmitido e o aluno formado. (Souza, 2001, p.46)

Ainda debatendo sobre a interferência na formação do aluno, questionamos sobre a preocupação com índices e resultados nesse modelo de gestão. Os professores nos explicaram que há um controle muito rígido por parte da direção/coordenação, da CREDE 1 e da SEDUC. Uma hierarquia severa que oprime professores e alunos à procura de resultados satisfatórios e positivos. Foi ainda nos dito que porque os alunos passam o dia na escola o governo espera resultados positivos, gera-se uma sensação que eles (alunos) devem ser diferenciados e melhor. Além das respostas que criticavam a cobrança por resultados positivos, Duas das repostas apontaram os índices como sendo algo necessário já que eles (os professores) estavam preparando os alunos para a vida e que era uma forma de avaliara se o processo estava funcionando ou não. Essa preocupação com índices é resultados da intervenção de organismos multilaterais na educação brasileira. O que já foi discutido no início desse estudo quando falado sobre as reformas educacionais dos anos de 1990. Vera Maria Candau (1999) ao falar sobre os organismos multilaterais e a melhoria da qualidade da educação diz que:

Um aspecto fortemente enfatizado pelo Banco Mundial com vistas à melhoria da qualidade da educação e à construção de sistemas educativos mais efetivos relaciona-se aos sistemas nacionais de avaliação. É necessário prestar mais atenção aos resultados do sistema e, nesse sentido, os sistemas de avaliação da qualidade das escolas e os mecanismos de monitoramento e difusão dos resultados constituem ferramentas fundamentais. (CANDAUI, 1999, p.38).

Com isso vemos que uma EEEP nada mais faz do que seguir os padrões dos organismos internacionais que, por financiar boa

parte da educação brasileira, se veem com direitos de decidirem sobre como e para que a educação deva ser feita.

Conclusões/Recomendações

Com esse estudo inicial percebemos que a formação de um professor de EEEP é bastante questionadora, visto que ela se adéqua a um sistema de gerenciamento de qualidade total, onde o aluno é visto como cliente e não como um participante da formação do conhecimento. Além disso, foi possível perceber que nem sempre há essa visão de mudança entre os professores, eles acreditam que fazem o melhor ensino e que estão preparando os alunos não só para a vida, como para o mercado de trabalho, sem levar em consideração a formação crítica desses alunos. Quanto ao papel do professor enquanto gestor, verificou-se que eles são cobrados a serem como a TESE exige serem, no entanto nas respostas não houve nenhum questionamento que mostrasse insatisfação ao modelo apresentado. Essa pesquisa foi sem dúvida ponto inicial de debate, visto que nem tudo pôde ser discutido nesse primeiro momento. Resaltamos ainda que essa pesquisa não pode abranger, em termos de estudo, toda complexidade e assuntos que envolvem o ensino profissional, daí a importância de continuação da pesquisa, incluindo a posteriori o aluno, os gestores e a comunidade escolar como objetos de estudo.

Referências Bibliográficas

BARROS, M. E. B. DE. Formação de professores/as e os desafios para a (re)invenção da escola. In: FERRAÇO, C. E. *Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo*, DP&A. São Paulo, Cortez Editora, 2008.

CANDAUI, Vera. In: MOREIRA, A.F (Org). *Currículo: políticas e práticas*. 4º Ed. Campinas: Papirus, 1999.

INSTITUTO DE CO-RESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO. *TESE*: manual operacional, modelo de gestão- tecnologia empresarial socioeducacional. Pernambuco: s.n., 2004.

MARTINS, Clélia. *O que é política educacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. Estado, Regulação Social e Controle Democrático. In: BRAVO, Maria Inês Souza; PEREIRA, Potyara A. P. *Política Social e Democracia*. 2 ed. – São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: UERRJ, 2002. P 25-42.

SHIROMA, Eneide Oto, MORAES, Maria Célia M. de, EVANGELISTA, Olinda. *Política educacional*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOUZA, Silvana Aparecida de. *Gestão compartilhada: democracia ou descompromisso?* São Paulo: Xamã, 2011.